

Trajeto formativo e Devir: dos professores que tive ao professor que penso em ser

Formative path and Devir: from the teachers I had to the teacher that I think to be

Viviane Maciel da Silva¹, Maira Ferreira²

Instituto Federal Sul-rio-grandense¹, Universidade Federal do Rio Grande do Sul^{1,2}
vivianemaciel@gmail.com¹, mmairaf@gmail.com²

Resumo

Ao referir o trajeto de formação de licenciandos em Química, buscou-se vê-lo enquanto imersão na experiência. Futuros docentes experimentam *encontros* com disciplinas, projetos, estágios, professores, autores, alunos. Tomando o conceito de *Devir-professor* como um modo de **vir-a-ser**, têm-se por objetivo, analisar como os *encontros* da formação e experimentar o *Devir-professor* têm visibilidade na escrita destas licenciandas. Assim, foi desenvolvida uma oficina que mobilizasse memórias recentes da formação com sete licenciandas no quarto estágio curricular. Desejou-se criar, com pesquisa-intervenção, situações que colocassem em evidência as experiências do trajeto formativo. Ao estimular a escrita percebe-se que no *Devir-professor* há movimentos sutis e encontros da ordem da violência e ambos fluem por diferentes ramificações do percurso. Estimular pensamento, imaginação, retomada às experiências podem ser úteis para perceber devires que auxiliam na reflexão sobre a docência e analisar *encontros* contribui para os professores na ampliação/modificação/qualificação do que é oferecido aos discentes na formação da licenciatura em Química.

Palavras chave: ensino de Química, formação docente, devir professor.

Abstract

When referring the path of training of graduates in Chemistry, we sought to see it as immersion in the experience. Future teachers experience *meetings* with disciplines, projects, stages, teachers, authors, students. Taking the concept of *Devir-teacher* as a way of **being-to-be**, they aim to analyze how the formation *meetings* and to experience the *Devir-teacher* have visibility in the writing of these licenciandas. Thus, a workshop was developed to mobilize recent training memories with seven graduates in the fourth curricular internship. It was hoped to create, with intervention research, situations that highlight the experiences of the formative path. By stimulating writing it is seen that in the *Devir-teacher* there are subtle movements and encounters of the order of violence and both flow through different branches of the course. Stimulating thought, imagination, retaking the experiences can be useful to perceive purposes that help in reflection on teaching and analyzing *meetings* contributes to the teachers in the expansion / modification / qualification of what is offered to the students in the graduation of Chemistry.

Key words: teaching chemistry, teacher training, teacher Devir.

O trajeto formativo e o Devir-professor

Ao ser referido o trajeto de formação de licenciandos em Química, se busca uma imersão na experiência. Ao longo da graduação, os futuros docentes vivem uma série de encontros com as disciplinas, projetos, estágios, professores, autores e alunos.

Os *Encontros* são entendidos como um **entre-dois**, um tipo de choque de pensamentos. Segundo Deleuze e Parnet (1998), “encontram-se pessoas (e às vezes sem as conhecer nem jamais tê-las visto), mas também movimentos, ideias, acontecimentos” (p. 14). A formação docente não se resume a uma experiência, mas a um percurso atravessado por encontros, fases não consecutivas ligadas a uma temporalidade.

Para Deleuze e Parnet, “um encontra o outro, um único devir que não é comum aos dois, já que eles não têm nada a ver um com o outro, mas que está entre dois, um bloco de devir, uma evolução a-paralela” (ibidem). Tomando o conceito de *Devir* como a alternância que existe entre todas as coisas, um modo de **vir-a-ser** próximo do que se é, uma relação uniforme entre contrários, encontra-se um movimento para fora dos centros, então,

um devir não é um nem dois, nem aproximação dos dois, mas entre-dois, fronteira ou linha de fuga, de queda, perpendicular aos dois. (...) um devir (...) constitui uma zona de vizinhança e indiscernibilidade, uma relação não localizável envolvendo os dois pontos distantes ou contíguos, colocando um na vizinhança do outro (DELEUZE, GUATTARI, 2012, p. 96)

No trajeto formativo, os discentes passam a ter contato com a escola, reconhecer a docência como profissão, iniciam os estágios e, no percurso, habitam uma espécie de vizinhança do outro, quando, ainda licenciandos, atuam como professores. Este **entre dois**, esta fronteira, será chamada de *Devir-professor* que está na força de **ser o que não se é**, mas, por um **modo de ser**, pode **se transformar em ser**. Para os pesquisadores que os observam neste trajeto, é uma questão importante acompanhar os modos de existir na fronteira (KASTRUP, 2005).

Pensar os modos de ser remete a Heráclito, filósofo grego que ressaltava a pluralidade e a mutabilidade das coisas transitórias. Segundo ele, “ninguém banha-se duas vezes no mesmo rio”, o que ajuda a pensar coisas moventes, na formação por exemplo, “das professoras que tivemos à professora que pensamos ser” (PERES, 2011, p. 2).

Na vida acadêmica, os licenciandos estão submetidos ao mesmo efeito, o rio não é o mesmo, assim como a escola que também está em mutação. Por exemplo, em estágio, os alunos da licenciatura em Química, mesmo com igual adiantamento, experimentarão diferentes circunstâncias em relação ao preparo de suas aulas, a receptividade das propostas ou respostas dos seus alunos. Ou ainda, na acadêmica, os licenciandos que cursam as mesmas disciplinas, a forma como se relacionam com professores e conteúdos serão transmutadas para suas vidas de modo singular. Assim como as águas do rio correm, as pessoas estão em mutação e, ao banhar-se no mesmo rio, não apenas o rio mudou, mas a pessoa e toda a atmosfera já são outros (ibidem).

Tomando de Deleuze,

extrair da repetição algo novo, extrair-lhe diferença, é este o papel da imaginação. Do mesmo modo, a repetição em sua essência é imaginária [...] ela não é uma falsa repetição do viria suprir a ausência da verdadeira; a verdadeira repetição é a imaginação [...]. A diferença habita a repetição (DELEUZE, 2009, p. 118)

No trajeto formativo dos futuros professores, haverá momentos de sobrevivências, aprendizagens, renovações que irão desenhando um perfil, que ilustra o modo como vão se

tornando professores, seus fazeres e saberes, pois, não é apenas o rio que se modifica, o professor em formação imprime mudança no rio. Os momentos de viver **entre-dois** dos licenciandos em formação podem ser comparados com o rio, que segue em direções perpendiculares, em movimentos transversais, roendo as margens e adquirindo velocidade no meio (DELEUZE, GUATTARI, 2014).

Este estudo tem por objetivo, analisar como os *encontros* decorridos do trajeto formativo e o experimentar do *Devir-professor* são colocados em movimento e têm visibilidade na escrita de um grupo de sete licenciandas do Curso de Licenciatura em Química.

Que professor eu serei? Que trajeto percorro ao vir-a-ser?

Heráclito ensina, “tudo flui, tudo se move, exceto o próprio movimento”.

Há sempre movimento para que o **transformar em ser** vá se delineando e ganhando velocidade. Parte deste é pensar o ser discente, o ser docente, as vivências, as sobrevivências e as renovações em relação ao perfil que se está traçando no **se tornar** no entorno deste licenciando que será professor.

Na formação, informações, novidades e acontecimentos são mobilizados e cada um deles poderá ter força de fazer mover o conhecimento e transformá-lo em potência criativa e criadora de **querer-ser**, **poder-vir-a-ser** e **saber-ser** docente (PERES, 2011, p. 3). No entanto, ao se inserirem nas práticas, os discentes nem sempre sabem como dar seus primeiros passos, por vezes, imitam seus professores, repetem gestos, reproduzem o que veem em outras salas, partem de representações não inventivas, colocando em ação os mecanismos de representação sem se apropriar deles.

Segundo Deleuze,

a aprendizagem não se faz na relação da representação com a ação (como reprodução do Mesmo), mas na relação do signo com a resposta (como encontro com o Outro). [...] O movimento do nadador não se assemelha ao movimento da onda; precisamente, os movimentos do professor de natação, movimentos que reproduzimos na areia, nada são em relação aos movimentos da onda, movimentos que só aprendemos a prever quando os apreendemos praticamente como signos. Eis por que é tão difícil dizer como alguém aprende: há uma familiaridade prática, inata ou adquirida, com os signos, que faz de toda educação alguma coisa amorosa, mas também mortal. Nada aprendemos com aquele que nos diz: faça como eu. Nossos únicos mestres são aqueles que nos dizem "faça comigo" e que, em vez de nos propor gestos a serem reproduzidos, sabem emitir signos a serem desenvolvidos no heterogêneo (DELEUZE, 2009, p. 48).

Com o avanço no percurso, os licenciandos ainda serão um pouco daqueles professores que os fizeram transbordar como um rio, se **transformarem em ser**, haverá semelhança e singularidade, pois seus saberes e fazeres irão contê-los como *encontros* que tem “força daquilo que nos leva ao desejo de banharmo-nos outra vez naquele rio” (PERES, 2011, p.3).

No entanto, caminhar não é da ordem da velocidade, principalmente porque os primeiros passos necessitam de segurança. Os licenciandos a encontrarão na familiaridade e na repetição, irão reconhecer quais ações se transformarão em aprendizagem, fazendo surgir diferenças que deverão mostrar os limites e ampliar as fronteiras, até que os futuros profissionais se desprendam dos antigos modelos.

Percurso da atividade

Foi desenvolvida uma oficina de escrita com o propósito de mobilizar memórias recentes das etapas formativas para sete licenciandas cursando o quarto estágio curricular da Licenciatura em Química.

Foram formuladas quatro atividades que priorizaram colocar o movimento do corpo, baseadas no processo de pesquisa-intervenção, que segundo Rocha (2003),

aprofunda a ruptura com os enfoques tradicionais de pesquisa e amplia as bases teórico-metodológicas das pesquisas participativas, enquanto proposta de atuação transformadora da realidade sócio-política, já que propõe uma intervenção de ordem micropolítica na experiência social. O que se coloca em questão é a construção de uma “atitude de pesquisa” que irá radicalizar a idéia[sic] de interferência na relação sujeito/objeto pesquisado, considerando que essa interferência não se constitui em uma dificuldade própria às pesquisas sociais, em uma subjetividade a ser superada ou justificada no tratamento dos dados, configurando-se, antes, como condição ao próprio conhecimento (p.67)

Admitindo que no processo de pesquisa-intervenção, pesquisador e pesquisados trilham juntos o percurso, ambos experimentam a experiência de estar em movimento.

A primeira atividade, ‘boa noite, eu’, teve o objetivo relatar experiências acadêmicas utilizando uma abordagem de interação entre falas. Perguntas eram lançadas e em círculo sentadas no chão, as licenciandas respondiam. A tarefa promoveu a discussão de pontos positivos e negativos em relação a professores, disciplinas, colegas e projetos que participaram.

A segunda atividade, ‘quem sou eu’, propôs que cada participante retirasse uma carta sem ver a imagem (Figura 1). As ilustrações eram relacionadas à Química, moléculas, objetos, elementos e cientistas famosos. As licenciandas deveriam descobrir seu teor, fazendo perguntas cuja resposta seria: sim ou não. A atividade possibilitou às licenciandas demonstrarem afinidade com a Química e discutir aplicações, por exemplo, em uma atividade que poderia ser replicada em suas salas de aula com poucas adaptações.



Figura 1: tarefa ‘quem sou eu’

A terceira atividade foi uma mostra de vídeos, cujos fragmentos selecionados buscavam associar conceitos relacionados à escola (A Educação Proibida/Quando Sinto que Já Sei), à formação de professores (Pro Dia Nascer Feliz) e ao Ensino de Química (Química uma História

Volátil).

A quarta, ‘siga o mestre’, teve o objetivo de estimular a criatividade e a capacidade de organizar grupos, foram utilizados vídeos musicais e coreografias que seriam seguidas pelas demais (Figura 2).



Figura 2: tarefa ‘siga o mestre’

Ao final, foram oferecidas folhas A4 coloridas e canetas hidrocor para que fizessem escrita e leitura colaborativa. Em uma, a partir da palavra ‘professor’ e, em outra, a partir da palavra ‘universidade’. Foi pedido que escrevessem sobre cada palavra (Figura 3), no tempo de 90 segundos. Em seguida, as folhas eram trocadas e novas intervenções feitas, o movimento repetido até que as folhas retornassem ao início. A tarefa foi finalizada com a leitura dinâmica das produções.



Figura 3: tarefa de escrita colaborativa.

O que lemos e o que escolhemos eleger

Os textos da escrita colaborativa foram analisados na perspectiva da diferença, utilizando o método da Cartografia para olhar os dados produzidos. Os escritos das licenciandas foram submetidos a um programa gerador de nuvens de palavras¹ a fim de criar um dispositivo de ampliação do território de análise. O primeiro tema ‘professor’, gerou a seguinte imagem (Figura 4).

¹ <http://www.arede.inf.br/crie-a-sua-nuvem-de-palavras/>

Da segunda nuvem de palavras, gerada a partir do escrito, são apresentadas as palavras mais recorrentes.

Dificuldades	Ganhos
estrutura ruim	2ª casa
professores ruins	conhecimento
Decepções	superação
Sofrimento	aprendizagens
Dificuldade	realizações
Frustração	paixão pela profissão
Dúvida	amigos
Mérito	ser professor
aluno noturno	conquista

Tabela 2: palavras que compõem a nuvem do texto ‘universidade’.

Se a universidade for pensada como o local que os licenciandos habitam no trajeto formativo, é possível perceber marcas de encontros que remetem à decepções, dificuldades e frustrações. São signos interessantes de serem observados, pois nem sempre se manifestam na fala ou nas avaliações de estágios. Enquanto professores do curso e pesquisadores, estas marcas oferecem contribuição e possibilidade de melhora no desempenho das propostas.

Tem-se ainda que o movimento em direção ao *Devir-professor* é uma espécie de potência capaz de mobilizar o desejo, ou seja, os ganhos oferecidos pela universidade são colocados como da ordem da conquista e da superação e os encontros deste processo são um tipo de acontecimento, “não há nada fora do acontecimento, por isso não há nada fora do devir” (FUGANTE, 2015, p.78).

Considerações

O movimento cria imagens dos professores, do trajeto formativo ou do modo como as licenciandas se projetam na carreira profissional e permite perceber os fluxos de aquisição do *Devir-professor*. Um **entre-dois** em que os alunos experimentam estar em diferentes locais de aprendizagens e formação, ao mesmo tempo em que vivenciaram um estado de **ser o que não se é docente**.

Nesta atividade, foi utilizada a oficina para criar situações que colocassem em evidência as experiências adquiridas no trajeto formativo da Licenciatura em Química. Através dela, foi possível estimular a escrita e perceber que na aquisição de *Devir-professor* há movimentos sutis, outros encontros da ordem da violência, ambos sem uma linha de tempo definida, mas que fluem por diferentes ramificações deste percurso.

Atividades que estimulem pensamentos e retomada de experiências podem ser úteis no trajeto formativo, seja para perceber os *devires* que auxiliam na reflexão sobre a ação, ou para analisar os *encontros* que contribuem também para os professores destes na ampliação/modificação/qualificação do que é oferecido na formação da licenciatura em Química.

Assim, é possível reconhecer que o trajeto inicia em tempo distintos, nos *encontros*, consigo ou com a Química, mas na *práxis*, o futuro docente começa a moldar/produzir os processos de interpretação do **poder vir a ser** da ordem da criação. Recuperar as trajetórias do processo de formação, auxilia os alunos a (re)organizar seus repertórios de aquisição do *Devir-professor*.

Agradecimento e apoio

Ao IFSul.

Referências

DELEUZE, G. **Diferença e Repetição**. Rio de Janeiro: Graal, 2009.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia - volume 4**, Rio de Janeiro: 34, 2012.

_____. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia - volume 1**, Rio de Janeiro: 34, 2014.

DELEUZE, G; PARNET, C. **Diálogos**, São Paulo: Escuta. 1998.

FUGANTI, L. Devir. In. FONSECA, T; NASCIMENTO, M; MARASCHIN, C. **Pesquisar na Diferença: um abecedário**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

PERES, L. M. V. Imaginários Moventes: das professoras que tivemos à professora que pensamos ser. **Educere et Educare**. V. 6, n. 11, 2011, p. 1-11.

KASTRUP, V. Políticas cognitivas na formação do professor e o problema do devir-mestre. **Educação & Sociedade**, V. 26, n. 93, 2005, p. 1273-1288.

ROCHA, M. L. Pesquisa-Intervenção e a Produção de Novas Análises, **Psicologia Ciência e Profissão**, V. 23, n. 4, 2003, p. 64-73.